

EDUCAÇÃO POPULAR HISTÓRIAS DA MEMÓRIA: VIVER, PARA CONTAR A VIDA NAS VOZES DE MULHERES QUE CONTAM E ENCANTAM O MUNDO
Valdirene da Silva **Vieira** – UNIPLAC - wal.vieira@brturbo.com

ERA UMA VEZ...

NO TEMPO DOS ANJOS EM QUE OS SERES HUMANOS AINDA CONTAVAM HISTÓRIAS...

A reflexão ora proposta faz parte de uma pesquisa de Mestrado em Educação em andamento sobre os conhecimentos e Saberes de Mulheres contadoras de história que encantam o mundo, através de suas narrativas. Apresentamos aqui algumas aproximações, resultantes da análise da pesquisa de campo realizadas com mulheres, que tiveram pouco ou nenhum acesso à educação formal, mas que narram suas experiências e memórias de forma que encantam aos seus ouvintes.

Dona Arcedilha 68 anos uma mulher que traz consigo memórias e histórias de um tempo passado o qual não se encontra registros nos meios oficiais. Gosta de contar suas histórias, para aqueles que tiram tempo para ouvir um bom caso. Relata fatos de sua infância como se tivessem acontecido no dia anterior. O ato de rememorar fatos outrora acontecidos, transformando-os em linguagem singular de narrativa contribuiu para a criação de episódios entendidos como “processos históricos”, pois somente reproduzimos do passado situações que nos significam de alguma forma. Chauí (2000) assegura que a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter o tempo que se foi. Salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais.

“Estudei na escola apenas um ano de minha vida, pouco sei da leitura e da escrita” (Dona Arcedilha) Em um país em que o letramento e os registros escritos sempre foram privilégios de uma elite, cada vez mais as fontes orais demonstram possibilidades de evidências históricas a serem desvendadas, especialmente acerca daqueles que não tiveram suas vozes e representações registradas nas letras da história oficial.

Segundo Henry Giroux, no texto de introdução ao livro de Freire e Macedo.

O conceito de analfabeto, nesse sentido, dá muitas vezes uma cobertura ideológica para que os grupos poderosos simplesmente silenciem os pobres, os grupos minoritários, as mulheres, ou as pessoas de cor. Conseqüentemente, nomear o analfabetismo como parte da definição do que significa ser alfabetizado representa uma construção ideológica informado por determinados interesses políticos (1990; p.12).

“Tive uma infância difícil trabalhando, desde cedo para ajudar meus pais, mas a noite era sagrado se reunir com a família e vizinhos para ouvir histórias, tinha noite que nem dormia. Adorava as histórias de assombração” Relata Dona Arcedilha com emoção. Pergunto a ela o que acha dos cursos de formação de contadores de história ela responde: *“Hoje em dia se faz curso pra tudo”*.

Walter Benjamin (1994) destaca que as narrativas têm em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária que pode ser um ensinamento moral, uma sugestão prática, ou uma norma de vida.

No entanto, a arte de narrar está no ato de evitar explicações. A narrativa é “uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”.

Segundo Dona Arcedilha.

Toda noite era comum nos reunirmos com a família e vizinhos, para ouvirmos histórias, um começava, e logo o outro se animava e contava outro caso, assim a noite ia passando e as crianças não saiam dali, enquanto estivesse se contando um caso. Era feito uma fogueira no meio do terreiro, ali se assava pinhão, milho, e se comia cuscuz com leite. Era bonito de se ver todos reunidos.

Para HALBWACHS, nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos qual só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. “Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distinguiam

materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.” (1994 P, 26).

Se considerarmos que o ato de narrar é algo inerente às sociedades há dezenas de milhares de anos, podemos dizer que as mudanças que esta prática vem sofrendo na sociedade ocidental nos últimos quinhentos anos, e de forma ainda mais avassaladora no último século, correspondem a uma transformação brusca e recente da capacidade do ser humano de transmitir as suas tradições e conhecimentos às novas gerações. Não há mais o tempo da reunião, da troca do compartilhar e do ouvir, e se encantar com as histórias que os mais velhos têm para contar.

A informação pretende ser diferente das narrações dos antigos: atribui-se foros de verdade quando é tão inverificável quanto a lenda. Ela não toca no maravilhoso, sequer plausível. A arte de narrar vai decaindo com o triunfo da informação. Ingurgitada de explicações, não permite que o receptor tire dela alguma lição. Os nexos psicológicos entre os eventos que a narração omite ficam por conta do ouvinte, que poderá reproduzi-la à sua vontade; daí o narrado possuir uma amplitude de vibrações que falta à informação. (Bosi 1994. p. 86)

Através das narrativas muitas histórias foram preservadas trazendo consigo vestígios de sociedades antigas e algumas, extintas. Dessa forma foi possível o estudo de várias culturas de povos de todo mundo.

Segundo Cleide Ronsani, Coordenadora do projeto Era Uma Vez Desenvolvido pelo SESC, 2009

As histórias que nossas crianças relatam são as histórias dos livrinhos, que elas ganham na biblioteca. Os pais pouco falam com seus filhos. Nossas crianças são pobres de experiências, não sabem que cheiro tem a chuva quando molha a terra, eu lembro com saudade do cheiro do colchão de palha da minha avó. Quando as visitas chegavam à minha casa, se sentavam a mesa, e nós ainda crianças só almoçávamos depois dos adultos. Hoje em dia os valores estão invertidos a crianças não ouvem mais os adultos acham que tudo é bobagem e não tem mais respeito. Se faz urgente o resgate das experiências das histórias e memórias contadas pelos nossos avôs.

A identificação de novos sujeitos portadores de memórias, conhecimentos e saberes aparentemente subjugados pode contribuir substancialmente para a (re) descoberta e a emergência de conflitos que a ideologia hegemônica silencia há séculos sobre a educação, a escola e a cultura no âmbito da vida privada ou coletiva. A arte de

narrar caminha para o fim. Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais freqüente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre todas as coisas seguras, nos fosse retirada. “*Ou seja: a de trocar experiências*”. (Benjamin, 1979: 57).

Entre as manifestações culturais e educativas que seguem a humanidade ao longo dos séculos, a contação de histórias é uma das mais antigas. Desde o início dos tempos os homens contavam histórias. Utilizavam-se da fala para a transmissão das mesmas já que as pessoas não sabiam ler e nem escrever.

A palavra encontra-se em todos os domínios da atividade humana, a qual se preocupa em deixar pistas fortes e estáveis para os que chegassem pudessem dali continuar. No início o homem e a mulher tinham as suas sabedorias, mas essas por muitas vezes não davam conta em explicar certos fenômenos da natureza, e procurando explicações para esses fenômenos recorriam a deuses salvadores e mitos fantásticos, esses povoavam um imaginário coletivo. Assim houve a concepção dos mitos e lendas os quais foram disseminados pelo mundo, estas histórias vinham recheadas de muita imaginação. Porém traziam consigo a descrição dos nossos antepassados das suas memórias seus saberes e fazeres, ajudando povos antigos a enfrentarem a natureza e a vida. Instigando-os a criarem códigos de bem viver em comunidade. Há culturas em que determinadas pessoas tinham como função a transmissão das experiências, são os narradores anônimos que no início narravam suas aventuras de caça ou episódios que aconteciam durante o dia e mereciam destaque. E também eram hábeis em contar as histórias de seu povo. Reportamo-nos a Benjamin (1994), quando nos coloca que este seria o camponês sedentário, que nunca saiu de sua terra, mas trazia consigo toda a sabedoria dos seus antepassados. E tinha por função repassá-las ao seu povo.

[...] quando lembramos que, nesses tempos primordiais, a comunicação se dava de pessoa para pessoa e os povos que receberam tais narrativas viviam distanciados geograficamente, separados por montanhas, rios, mares, em um tempo em que as viagens eram feitas a pé, ou a cavalo ou em barcos toscos... Isso prova a força da Palavra como fator de integração entre os homens. (COELHO, 2003, p.31)

A “Palavra” a que se refere à autora é nada mais, nada menos, do que a presença viva da voz humana, realizada em atuações, que tinham por função principal a

manutenção da memória, o que garantia, também (e principalmente), a difusão dos conhecimentos e saberes e da própria cultura.

Falar sobre histórias e seus artesãos é falar do sagrado, a vida é um movimento contínuo onde técnicas são aperfeiçoadas seguindo um ritmo natural. Mas esse natural naturaliza-se, nega-se o simbólico o arquétipo e o sagrado, e na urgência do novo esquecesse-se do velho, da sabedoria ancestral. O contador de história é o ponto de ligação entre as diferentes dimensões do existir. E o bom narrador nunca deve esquecer-se disso tem um compromisso com o que há de mais sublime o transcender da memória, perder essa referência é correr o risco de ver sua arte transformar-se em mais um produto de consumo. Para Benjamim, “a informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (1994 P.2004).

Diante deste contexto apontado neste estudo exploratório considerando as inúmeras exigências e inovações que acompanham o ritmo acelerado das transformações sociais, torna-se premente o deixar-se encantar por histórias e memórias de protagonistas que não acessaram aos meios formais de formação escolar. Valorizar estas narrativas como fatores relevantes para a construção da memória social é sobremaneira significativo para o entendimento dos processos de construção do conhecimento da humanidade. O que é narrado pode vir repleto de significados e estes podem agir de forma diferente em cada ouvinte justamente porque narrativas e histórias falam em sua essência, de saberes da vida. Este estudo vem, sobretudo, observando as relações de educação e cultura na sociedade, buscando subsídios destes conhecimentos para o processo de educação popular, esboçado nos traços da cultura da Região Serrana em Santa Catarina..

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.

COELHO, N. N. O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos. São Paulo: 2003.

Arcedilha da Silva Carneiro, Entrevista concedida no dia 19 de dezembro 2008

Cleide Ronsani, Coordenadora do projeto Era Uma Vez, Desenvolvido pelo SESC, (Lages). Entrevista concedida no dia 10 de dezembro 2008

GIROUX, Henry A. Alfabetização e a pedagogia. IN: Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. FREIRE, Paulo. MACEDO, Donaldo – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.;

LARAIA, Roque de Barros, Cultura um conceito antropológico. Rio de Janeiro, Zahar Ed, 2001